

Formalismo e perda da dimensão humana em *A Metamorfose* de Franz Kafka

Márcio José Coutinho¹

A obra de Franz Kafka é fortemente marcada por um tratamento especial dispensado ao material lingüístico, o que lhe valeu ter sido o trecho inicial de *A Metamorfose* empregado como modelo exemplar de narrativa por Umberto Eco em seu ensaio *Entrando no bosque* (Eco, 1990). Por outro lado, este traço valeu ao escritor ter sido considerado formalista (o que equivalia a reacionário) pelos críticos do Realismo socialista, movimento literário implantado pelos soviéticos na RDA (Heise & Röhl, 1986: 88).

Ora, o formalismo de Kafka não o impede de ser um escritor engajado, ou seja, no sentido adorniano da palavra, um autor compromissado com sua época. Seu formalismo é, na verdade, o seu realismo, pois, segundo concebe Adorno (apud Merquior, 1969: 80): “O realista moderno não tem alternativa senão ser um formalista.” A arte moderna, para Adorno, não corresponde a um espelho do social “mas sim a um negativo da sociedade” (Idem: 81). Sendo assim, a essência do verdadeiro realismo está na “deformação” (apud Merquior, 1969: 81). Isso equivale a dizer que ao não apresentar uma objetividade, no sentido de uma aproximação em relação ao real, a obra de arte, e em especial a de ficção, logra descortinar o vazio da existência humana.

A Metamorfose é uma obra cujo formalismo (ou realismo, conforme a concepção adorniana) manifesta-se através da deformação/transformação do protagonista, Gregor Samsa, em uma barata. Esta deformação/transformação e sua relação com o caráter formalista da obra serão analisadas no conto em questão, tendo em vista a contribuição de tais aspectos para o caráter compromissado deste texto literário. Neste sentido, ressalta-se a hipótese de que a transformação de Gregor Samsa em barata corresponde à perda de sua dimensão humana. George Steiner já afirmava em um de seus ensaios que Kafka retratou a redução do homem a um verme atormentado e observou no homem a renascença do bestial (Steiner, 1969: 163-164). Este traço pode ser derivado das marcas que o horror causado pelo nazismo deixara no autor, visto terem sido membros de sua família exterminados em câmaras de gás e campos de concentração (Steiner, 1969: 163).

A Metamorfose é um conto simetricamente dividido em três capítulos: no primeiro, narra-se a transformação (e as primeiras reações a isso) de Gregor Samsa em barata; no segundo, a rendição a essa condição; e no terceiro, o perecimento da personagem.

Essa perda da dimensão humana é provocada e assegurada por duas instâncias: o trabalho e a família. No primeiro caso, Gregor Samsa (que era caixeiro viajante) estava preso, por causa de uma dívida da família, a um emprego em que o patrão exigia dele que trabalhasse em demasia. Sua rotina impunha-lhe tal irregularidade, que ficava constantemente agitado e impossibilitado de criar qualquer vínculo.

Oh, meu Deus, [...] que trabalho tão cansativo escolhi! Viajar, dia sim, dia não. É um trabalho muito mais irritante do que o trabalho do escritório propriamente dito, e ainda por cima há a maçada de andar sempre a viajar, preocupado com as ligações dos comboios, com a cama e com as refeições irregulares, com conhecimentos casuais, que são sempre novos e nunca se tornam amigos íntimos. Diabos levem tudo isto! (KAFKA, 1988: 6)

No segundo caso, os membros da família, em um primeiro momento, estão entregues a uma passividade exagerada, deixando que Gregor assuma sozinho a responsabilidade de sustentar a família; em um segundo momento, depois que Gregor já está transformado em “barata”, tratam de assegurar essa condição, afastando-o do convívio familiar, levando-o a ser completamente ignorado enquanto ser humano e identificado como um inseto imundo.

“Tenho uma dívida de lealdade para com o patrão” (KAFKA, 1988: 20). Esta frase resume o fato de Gregor estar aprisionado ao trabalho. O personagem precisa viver e agir em função do seu trabalho, o que pode ter relação com o que Karl Marx denomina reificação: atinge-se tal grau de alienação que o trabalhador perde

¹ Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, participante do Projeto Integrado Literatura e Autoritarismo.

Literatura e Autoritarismo

A voz dos oprimidos

sua condição de sujeito para o objeto que produz. No caso de Samsa, este vê-se alienado não por um objeto mas pelas condições desumanas do próprio trabalho.

A vida de Gregor era controlada por aqueles que estavam acima dele no conjunto de recursos humanos da firma onde trabalhava. Assim, ele submetia-se aos desmandos do patrão e à pressão do chefe de escritório. Em sua posição de empregado, Gregor era considerado como um bem qualquer que deveria funcionar sempre, sem que nada perturbasse o seu rendimento. Tal desempenho era assegurado pelas pressões sofridas em sua relação com o patrão e com o chefe de escritório. Isso fica evidente na passagem seguinte:

Senhor Samsa, [...] que se passa consigo? Para aí barricado no quarto [...] a negligenciar as suas obrigações profissionais de uma maneira incrível! Estou a falar em nome dos seus pais e do seu patrão e peço-lhe muito a sério uma explicação precisa e imediata [...] julgava que o senhor era uma pessoa sossegada, em que se podia ter confiança, e de repente parece apostado em fazer uma cena vergonhosa (KAFKA, 1988: 15).

“Além disso, tenho de olhar pelos meus pais e pela minha irmã” (KAFKA, 1988: 20). Esta frase evidencia a renúncia de Gregor aos interesses próprios em nome da responsabilidade de sustentar a família. Porém, ao perder as condições de trabalhador, este personagem é rejeitado como um estorvo.

O pai, ao perceber o estado do filho, parece despertar de sua velhice, tornando-se autoritário e violento, inibindo o que poderia ser uma tentativa de recuperação do filho. Isso pode ser inferido a partir do seguinte trecho:

Impiedosamente, o pai de Gregor obrigava-o a recuar, assobiando e gritando «chô» como um selvagem. Mas Gregor estava pouco habituado a andar para trás, o que se revelou um processo lento. Se tivesse uma oportunidade de virar sobre si mesmo, poderia alcançar imediatamente o quarto, mas receava exasperar o pai com a lentidão de tal manobra e temia que a bengala que o pai brandia na mão pudesse desferir-lhe uma pancada fatal no dorso ou na cabeça (KAFKA, 1988: 23).

O pai torna-se a figura responsável pelo isolamento do personagem. Este isolamento de Gregor é o símbolo da perda da liberdade que antes possuía.

A irmã de Gregor, por seu turno, pode ser considerada o elemento que fornece as condições necessárias para manter o estado em que a integridade humana deste personagem se esvai. Pois, ao oferecer-lhe “comida própria de um inseto” (KAFKA, 1988: 28), ela o exclui enquanto membro da família, tira seu estatuto humano, individual e social, e afirma a sua degeneração pela negação de seu direito de manifestar vontade própria. Assim, afirmar a condição de inseto de Gregor é torná-lo submisso e fortalecer-se à custa dessa submissão.

A irmã, ao tirar a mobília do quarto de Gregor, alegando que ele precisaria de espaço para movimentar-se, colabora para mantê-lo na condição em que se encontra. Ela tira tudo que poderia identificar o irmão a um ser humano, tudo que pudesse levá-lo a recuperar-se através de uma reminiscência. Por trás de uma máscara de boas intenções, ela o conduzia ao perecimento. Quando Gregor não mais oferece perigo, ela o abandona.

Aos poucos, Gregor é privado de suas condições concretas de luta contra a situação alienante. Porém, sua presença ergue-se como uma bandeira contra aqueles que querem seu aniquilamento. A presença de Gregor Samsa incomoda. A força de sua luta está em permanecer na memória. A irmã é, assim, aquela que tenta tirar de Gregor sua identidade: uma vez que um homem deixa de reconhecer-se enquanto tal, lutar deixa de ter sentido. A consciência de Gregor é, porém, a arma que ainda lhe resta. Ele não pode mais falar. Mas mantém a capacidade de entender as coisas, discerni-las e revoltar-se contra elas. Por isso, não come a “comida para barata” que a irmã empurra com o pé para dentro do quarto.

A mãe de Gregor parece ser o único membro da família que nutre algum sentimento que a ligue ao filho, condoendo-se com o seu sofrimento e tentando tomar a sua defesa. Porém sucumbe passivamente aos argumentos da filha e convence-se de que não pode interceder pelo filho.

Nem sequer havia a certeza de que a remoção da mobília lhe prestasse um serviço [a Gregor]. [A mãe] Tinha a impressão do contrário; a visão das paredes [...] nuas deprimia-a, e era natural que sucedesse o mesmo a Gregor, dado que estava habituado à mobília havia muito tempo e a sua ausência podia fazê-lo sentir-se só (KAFKA, 1988: 37-38).

Literatura e Autoritarismo

A voz dos oprimidos

A voz da mãe é o único “bem” que dá sentido à vida de Gregor e que desperta nele a necessidade de refletir sobre sua atual situação. Assim, surge para Gregor a pergunta:

Queria, efectivamente, que o quarto acolhedor, tão confortavelmente equipado com a velha mobília da família, se transformasse numa caverna nua onde decerto poderia arrastar-se livremente em todas as direções, à custa do simultâneo abandono de qualquer reminiscência do seu passado humano? (KAFKA, 1988: 38).

Vencida pelos apelos da filha, a mãe ajuda a tirar a mobília do quarto de Gregor Samsa. Este gesto representa a impotência daqueles que mesmo contra seus princípios aderem a uma causa injusta. Em determinado momento, ao perceber que o quarto está quase vazio, Gregor sai do seu esconderijo tentando salvar uma das únicas coisas em que pode recuperar o sentido humano de sua vida: o quadro com a figura da mulher envolta em peles pendurado na parede. Este quadro retrata as aspirações de Gregor por recuperar sua essência humana, seu trabalho, sua vida social e a satisfação com a própria vida. Num gesto desesperado, o personagem pula sobre a moldura e cola-se sobre o vidro como que a proteger a última coisa que pode salvá-lo (KAFKA, 1988: 40).

Os quadros são as projeções da dimensão humana de Gregor. Estes funcionam como espelhos que mantêm a memória/imagem de um Gregor não alienado. Tais imagens estão associadas à liberdade que o personagem possuía outrora. Isso se explicita a partir da seguinte passagem:

Mesmo em frente de Gregor, havia uma fotografia pendurada na parede que o mostrava fardado de tenente, no tempo em que fizera o serviço militar, a mão na espada e um sorriso despreocupado na face, que impunha respeito pelo uniforme e pelo seu porte militar. A porta que dava para o vestíbulo estava aberta, vendo-se também aberta a porta de entrada, para além da qual se avistava o terraço de entrada e os primeiros degraus da escada (KAFKA, 1988: 20).

A integridade do personagem é associada à liberdade e às várias perspectivas que para ele se abriam, o que pode ser inferido a partir da associação do retrato bem composto com uma porta pela qual se avista a porta de entrada aberta para a rua.

Deste modo, o drama de Gregor Samsa resulta da perda de sua liberdade pela sujeição excessiva aos deveres, o que acabou por privá-lo de seus valores pessoais e humanos.

A princípio, sempre que ouvia menções à necessidade de ganhar dinheiro, Gregor afastava-se da porta e deixava-se cair no fresco sofá de couro [...]. Muitas vezes ali se deixava estar durante a noite, sem dormir, a esfregar-se no couro durante horas a fio. Quando não reunia a coragem necessária para se entregar ao violento esforço de empurrar uma cadeira de braços para junto da janela, trepava para o peitoril e, arrimando-se à cadeira, encostava-se às vidraças, certamente obedecendo à qualquer reminiscência da sensação de liberdade que sempre experimentara ao ver a janela (KAFKA, 1988: 33-34).

A partir da análise de *A metamorfose*, é possível concluir que o distanciamento em relação ao real encontrado na obra exige justamente uma revisão do real. Isso ocorre devido à atmosfera de não-normalidade que emerge das linhas e das entrelinhas da narrativa. Ora, a transformação de Gregor em um inseto exige que se pense as razões disso e que se pergunte o que significa ser um inseto. Neste sentido, retoma-se a afirmação de Adorno: “a deformação é o verdadeiro realismo” (apud Merquior, 1969: 81). Pensando em Kafka, é possível afirmar que o disforme é a via pela qual se pode entender o real. Assim, se Kafka foi um formalista, não foi menos realista.

BIBLIOGRAFIA:

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1986.

KAFKA, Fanz. *A metamorfose*. Tradução de J. A. Teixeira Aguiar. Santiago: Publicações Europa América, 1988.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Fetichismo e reificação*. In: *Obras completas*. MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

Literatura e Autoritarismo

A voz dos oprimidos

STEINER, George. *Language and silence*. London: Pelican Book, 1969.